



# Minha Vida de João

<b>Introdução.....</b>	<b>03</b>
<b>Notas sobre o vídeo.....</b>	<b>04</b>
<b>Como trabalhar com o vídeo.....</b>	<b>04</b>
<b>O debate.....</b>	<b>05</b>
<b>Atividades</b>	
<i>O que é? O que é?.....</i>	<i>07</i>
<i>Quero... Não quero...</i>	
<i>Quero... Não quero.....</i>	<i>08</i>
<i>O varal da violência.....</i>	<i>09</i>
<b>Outros vídeos.....</b>	<b>11</b>





## Introdução

Este é um desenho animado que conta a história de João, um garoto que, como tantos outros, vive numa sociedade machista, que se pauta por padrões rígidos de gênero.

Com frequência, a violência intrafamiliar, a violência entre homens, a homofobia, a desinformação sobre doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada estão relacionadas a estes padrões tradicionais de masculinidade.

A vida de João é relatada desde sua infância e ao longo da história são abordadas a sua relação com os pais, com os amigos, a namorada, a primeira experiência sexual, o exercício da paternidade, entre outras experiências, desejos e conflitos.

Devido ao seu formato lúdico, sem falas, tem sido utilizado, com sucesso, em diferentes contextos culturais, independentemente do nível de alfabetização ou idioma dos participantes das oficinas.

Destina-se a grupos de homens jovens, mulheres jovens ou profissionais que se interessam pelo tema "equidade de gênero e masculinidades".

O vídeo *Minha vida de João* integra a "Série Trabalhando com Homens Jovens", composta por cinco cadernos (versões em português, inglês e espanhol) que abordam os seguintes temas:

1. Sexualidade e Saúde Reprodutiva
2. Paternidade e Cuidado
3. Da Violência para Convivência
4. Razões e Emoções
5. Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS

Este material foi criado com o objetivo de auxiliar profissionais das áreas de saúde e educação a trabalharem questões relacionadas a gênero e masculinidades.

**Como foi elaborado?** As ONGs Instituto Promundo (Rio de Janeiro), Instituto PAPAÍ (Recife), ECOS (São Paulo) e Salud y Género (México) desenvolveram esta proposta de intervenção a partir da sistematização de oficinas com grupos de homens jovens (15-24 anos) em comunidades de baixa renda.

Todo o material foi testado por meio de 75 atividades realizadas com grupos de homens jovens em seis países da América Latina e Caribe, totalizando 271 jovens (15-24 anos).



## Notas sobre o vídeo

**Duração:** 21 minutos

**Número de participantes:** Para estimular discussões sobre vídeo, deve-se trabalhar com 7 a 20 pessoas. Grupos com mais de 20 pessoas, devem ser divididos em grupos menores no momento da discussão.

**Onde?** Em comunidades, com grupos de adolescentes e jovens, com nível educacional fundamental ou médio; em reuniões de pais, mães e/ou responsáveis, em salas de aula, durante palestras etc.

## Como trabalhar com o vídeo

Se você quiser explorar o vídeo em atividades educativas, aproveite! Ele atrai a audiência, facilita a introdução do assunto, motiva e estimula para o conhecimento, aproxima o tema do cotidiano das pessoas e informa, entretendo.

Você pode trabalhá-lo de diversas formas, dependendo da sua inspiração e dos recursos que possui.

O vídeo pode ser exibido sem interrupções, com discussão apenas ao final do desenho, ou dividido em partes, com discussões intermediárias. Neste caso, sugere-se que o vídeo seja exibido em três partes, enfocando-se os temas: socialização de gênero (infância), primeiros planos e experiências (adolescência) e conflito e buscas de resolução.

Alguns recursos podem contribuir para o aproveitamento do conteúdo do vídeo e dinamização da discussão em grupo. Veja as dicas a seguir:

### Preparação

1. Assista ao vídeo antes e veja se ele é adequado à situação e ao seu público.
2. Anote os trechos mais importantes. Faça uma lista de temas para discutir com o grupo.
3. Prepare-se para a sessão: complemente as informações indicadas pelo vídeo, pesquise sobre o assunto, traga o tema para o cotidiano do seu público.
4. Dependendo do tempo destinado a essa atividade, prepare um pequeno roteiro para a discussão após assistirem ao vídeo ou uma dinâmica de trabalho em grupo que poderá ser utilizada em outra ocasião.
5. Confira se o equipamento necessário para a exibição (televisão, vídeo, tomadas, extensão, benjamim etc.) está disponível e funcionando bem.

### Como introduzir o vídeo na hora da oficina...

1. Comente com os participantes apenas que assistirão ao desenho animado Minha Vida de João, com duração de 21 minutos, que conta a história de vida de um rapaz chamado João.

2. Evite expor seus julgamentos ou a sua interpretação. É muito importante que cada participante expresse sua própria opinião.
3. Somente ao final informe o tema central e os objetivos, dando margem para novas discussões.

### Dicas gerais para a discussão

1. Pergunte ao grupo que temas apareceram no vídeo. Escreva-os em um quadro ou em um pedaço de papel.
2. Se for necessário, passe o vídeo mais uma vez para a melhor compreensão do conteúdo.
3. Se não tiver tempo suficiente ou considerar que é mais rico aprofundar algum tema específico, selecione cenas específicas ou um conjunto delas.

## O debate

### Para animar o debate

A fim de estimular o debate, é importante lançar perguntas para o grupo. Muitas serão feitas no momento da discussão, conforme as idéias e colocações dos participantes sobre o desenho. No entanto, é aconselhável que o facilitador tenha uma lista de questões sobre os assuntos que deseja ressaltar durante a discussão. A seguir, apresentamos uma série de perguntas que ajudam a aprofundar as discussões:

### Questões Gerais

- Qual o papel do lápis no desenho? E o da borracha?
- Qual é o final da história?
- Que outros finais seriam possíveis?
- Os homens sabem cuidar? Por quê?
- Como são as mulheres no vídeo?
- Este vídeo é parecido com a vida real? Em quê?
- Os homens são naturalmente violentos? Por quê?

### Dicas para facilitar a discussão em grupo

Leia com atenção as perguntas a seguir que podem facilitar a discussão em grupo:

#### PARTE 1

**Socialização de gênero** (0 a 6 min.) - Introdução ao vídeo, mostra a infância de João, sua relação com os pais, com os amigos, seus desejos e limites sociais pautados pelas normas de gênero.

- O que vocês lembram da cena de João no colo da mãe?
- O que aconteceu na festa de aniversário de João?
- Por que vocês acham que o lápis transformou o amigo de João em uma menina?
- O que aconteceu quando João quis brincar de boneca?



- Garotos podem brincar de boneca? Por quê? Arma é brinquedo de menino?
- O que pensou e sentiu João quando presenciou a briga entre seus pais?
- Por que João jogou uma pedra no gato? O que fez com que ele voltasse para buscar o bichinho e cuidar dele?

## PARTE 2

**Os primeiros planos e experiências (6 aos 12 min.)** - João agora é um adolescente e vive suas primeiras experiências em busca de autonomia e da realização de seus sonhos: primeira experiência sexual, primeira experiência de trabalho...

- Que expectativa João tem quanto ao seu futuro? E os homens jovens de hoje, que projetos eles têm para o futuro? É diferente para os rapazes e as meninas?
- O que sente um rapaz quando ama pela primeira vez? O que ele sente? Como ele se comporta? É comum falar sobre esse sentimento com seus amigos? O que eles costumam falar sobre esses sentimentos? E sobre as mulheres? E sobre os homens?
- Quais as expectativas e os medos que um jovem têm em relação a sua primeira relação sexual?
- Por que, muitas vezes, eles não usam a camisinha? Por que a camisinha é importante?

## PARTE 3

**Conflitos e a busca de resolução (12 aos 18 min.)** - João enfrenta uma série de problemas que exigem dele tomadas de posição.

- Por que João, mesmo gostando de sua namorada, sai e transa com outras garotas? O que as garotas devem/podem fazer?
- Quem transmitiu DST para João: a namorada ou a garota que ele conheceu na lanchonete? Por quê? (Nota: a idéia é problematizar essa questão e não culpabilizar uma ou outra)
- O que vocês sabem sobre a Aids? Tem cura?
- O que sentiu João quando sua namorada disse que estava grávida? O que ele fez?
- O que leva um adolescente a beber demasiadamente? O que ele procura na bebida? Encontra?
- O que acontece com João quando está jogando bola e ele vê o seu filho na arquibancada?

**Divirta-se!**



## Atividades

### Atividades que podem animar ainda mais a discussão sobre temas encontrados no vídeo<sup>1</sup>

TÉCNICA

## O que é? O que é?

Com esta técnica é possível introduzir o tema da sexualidade e seus objetivos.

**Objetivos:** Reconhecer os diferentes significados e discursos que estão associados aos gêneros, sexualidade e reprodução.

**Materiais necessários:** quadro; canetas coloridas.

**Tempo recomendado:** 30 minutos.

**Dicas/notas para planejamento:** Na hora de contextualizar o que vem a ser homem, sexualidade, reprodução e mulher, é importante partir das palavras que foram levantadas pelos próprios participantes.

Caso o grupo se mostre tímido, o educador pode começar dando uma sugestão.

### Procedimento

1. Divida, inicialmente, o quadro em 4 colunas e, em plenária, pergunte aos participantes o que vem imediatamente à cabeça quando escutam a palavra **homem**.
2. Escreva a palavra homem na primeira coluna do quadro e, conforme forem falando, anote as respostas fazendo uma lista.
3. Na seqüência, solicite que façam o mesmo com as palavras: **reprodução, sexualidade e mulher**. Uma de cada vez. Ao final, leia todas as definições que surgiram para cada uma das palavras propostas e peça que façam comentários sobre as respostas que surgiram.

### Perguntas para discussão

- O que é ser homem?
- O que é ser mulher?
- Como o homem lida com a sua sexualidade? E a mulher? É igual ou é diferente? No quê?
- Qual é o papel do homem na reprodução? É diferente do da mulher? Em quê?
- Como é que o homem lida com seus afetos e sentimentos? E a mulher? Por que existe essa diferença?
- Homens e mulheres são diferentes? Em quê? Por que existem essas diferenças?
- Vocês acham que os homens e as mulheres são educados da mesma maneira? Por quê?

### Fechamento

- Fazer uma síntese do que significa ser homem e ser mulher em nossa sociedade, a partir das respostas dadas pelos participantes;
- Mostrar que a sexualidade é um componente da vida humana e, portanto, não é determinada somente por fatores biológicos;

<sup>1</sup> Estas técnicas encontram-se nos manuais que compõem a "Série Trabalhando com Homens Jovens". Para mais informações, visite o site [www.promundo.org.br](http://www.promundo.org.br)

- Explorar a diferença entre o corpo sexual (prazer) e o corpo reprodutor (reprodução), bem como a sua inter-relação;
- Enfocar os aspectos afetivos da sexualidade e da reprodução e a forma diferente como a afetividade é transmitida a homens e mulheres através da educação;
- Discutir os aspectos culturais da sexualidade, ou seja, que o ato sexual com fins exclusivamente reprodutivos é comum na maioria dos seres vivos, mas somente o ser humano atribui valores, costumes, significados ao sexo que não estão relacionados unicamente à procriação; que a sexualidade é variável social e historicamente, podendo ser influenciada por valores morais rígidos/ puritanos ou os de maior liberdade.

**TÉCNICA**

## Quero... Não quero... Quero... Não quero...

Esta é uma técnica que permite atualizar, de forma participativa, os argumentos que os homens e as mulheres apresentam a favor e contra o uso do preservativo.

**Objetivos:** recriar as situações em que ocorre a negociação do sexo seguro incorporando os argumentos a favor e contra o uso do preservativo. Reforçar as ferramentas para negociar as condições de segurança.

**Materiais:** pedaços grandes de papel (flip-chart ou pardo), marcadores, fita adesiva.

**Tempo recomendado:** 2 horas

### Procedimento

1. Divida o grupo em quatro equipes ao acaso, numerando-os por meio de cores.

Grupo	Temas a discutir
H1	As razões por que os homens querem usar o preservativo
H2	As razões por que os homens não querem usar o preservativo
M1	As razões por que as mulheres querem usar o preservativo
M2	As razões por que as mulheres não querem usar o preservativo

2. Para cada grupo é atribuída uma tarefa distinta com um tempo de 15 minutos: cada grupo anota as razões em uma cartolina.
3. A negociação: sem saber de antemão com quem vão negociar, os grupos deverão utilizar os argumentos que forem lembrando. Os grupos que ficaram com as razões das mulheres têm que personificá-las.

### Assim, se dá a primeira negociação

H1 (**homens que querem** usar) negocia com M2 (**mulheres que não querem** usar). Colocam-se os dois subgrupos para negociar, supondo que ambos queiram ter relações sexuais. Depois da negociação, pergunta-se como se sentiram e de que se deram conta. Logo se pede comentários das outras equipes que estiveram observando.

<sup>1</sup> Este exercício pode ser feito também em grupos mistos, aproximando as situações da realidade.

## É apresentada a segunda negociação

H2 (**homens que não querem** usar) negocia com M1 (**mulheres que querem** usar) Discute-se da mesma forma. Em ambos os casos, os facilitadores escrevem em pedaços de papel os argumentos mais importantes tanto para o uso como para o não-uso.

### *Perguntas para discussão*

De que maneira esta negociação aparece na vida real?

Quais são as conseqüências de uma negociação que não dá certo?

Que outros aspectos das pessoas estão presentes em uma negociação como esta?

Qual é o melhor momento para negociar?

### *Para fechamento:*

Negociar não quer dizer ganhar a todo custo sem buscar a melhor situação para ambas as partes e, sim, perceber onde ambas as partes ganham. No terreno da sexualidade as coisas podem ser muito complexas por todos os aspectos do humano que aparecem.

Entre uma pessoa que está segura de desejar sexo seguro e outra que não aceita pode haver um momento em que uma das partes (ou as duas) decida não ter relações sexuais.

### TÉCNICA

## 0 varal da violência

Esta técnica consiste em falar abertamente sobre a violência que sofremos e praticamos.

**Objetivo:** Identificar as formas violência que praticamos ou que são cometidas contra nós.

**Materiais necessários:** Barbante para o varal, fita, três pedaços de papel (tamanho A4 ou equivalente) para cada participante, prendedores.

**Tempo recomendado:** 1 hora e 30 minutos.

**Dicas/notas para planejamento:** Quando se fala em violência, pensa-se muito em agressão física. É importante discutir outras formas de violência que não envolvam a violência física. Também é importante ajudar os jovens a pensar nos atos de violência que cometemos, já que muitas vezes pensamos nos outros como violentos, mas nunca em nós mesmos. Com o uso dessa técnica, vimos que para os jovens com os quais trabalhamos era mais fácil falar sobre violências que tinham sofrido. Relatar atos de violência – especialmente os que aconteceram fora de suas casas – era fácil. Até percebemos que eles sentiram um certo alívio em poder relatar estas experiências e que sobreviveram a elas. Comentar ou contar violências cometidas contra eles dentro de suas casas foi mais delicado. Ao falar sobre violência que eles tinham cometido, sempre queriam justificar-se, colocando a culpa no outro como sendo o agressor. Esta técnica forneceu conteúdo para duas sessões de trabalho. Caso sinta que os participantes não estão à vontade em se expor, pense em alternativas que exigem menos exposição.

Sofrer violência interpessoal pode levar a vítima a cometer atos de violência mais tarde. Ajudar os jovens a compreender esta conexão, e pensar sobre a dor que a violência causou neles, é uma forma de interromper o ciclo da violência de vítima para o agressor. Se algum jovem relatar estar sofrendo algum tipo de violência ou ter sofrido recentemente algum tipo de abuso – incluindo abuso sexual ou

abuso físico sistemático em sua casa - e tiver menos de 18 anos de idade, em alguns países, o facilitador é obrigado a denunciar o fato às autoridades de proteção à infância e adolescência. Antes de executar qualquer tarefa desse manual, o facilitador deve procurar os responsáveis pela sua organização para esclarecer sobre os aspectos éticos e legais de seu país no que se refere a maltrato e violência contra jovens com menos de 18 anos.

### *Procedimento*

1. Explicar que a proposta é falar sobre a violência que praticamos, aquela praticada contra nós, e conversar sobre nossos sentimentos em relação a isto.
2. Explicar que colocaremos 4 varais e que todos os participantes deverão escrever algumas poucas palavras nas folhas de papel e prendê-las no varal.
3. Dar a cada participante 4 folhas de papel (tamanho A4).
4. Colocar em cada varal os seguintes títulos:
  - Violências praticadas contra mim
  - Violências que eu pratico
  - Como eu me sinto quando pratico violência
  - Como eu me sinto quando violência é praticada contra mim
5. Sugerir que cada participante pense um pouco e escreva em poucas palavras uma resposta para cada item. Cada um deve escrever pelo menos uma resposta para cada um dos varais (ou categorias). Reservar cerca de 10 minutos para esta tarefa. Explicar a eles que não devem escrever muito, e sim utilizar poucas palavras ou uma frase, e colocar no varal correspondente.
6. Pedir aos participantes, um a um, que as coloquem no varal correspondente, lendo sua resposta para o grupo. Eles podem dar outras explicações que se façam necessárias e os outros participantes poderão fazer perguntas sobre sua resposta.
7. Depois de cada um ter colocado suas respostas no varal, discutir as questões a seguir.

### *Perguntas para discussão*

- Qual é o tipo mais comum de violência que se comete contra nós?
- Como cada um se sente em ser vítima deste tipo de violência?
- Que tipo de violência é mais comum cometermos contra os outros?
- Como sabemos se de fato cometemos violência contra alguém?
- Existe alguma conexão entre a violência que praticamos e a violência de que somos vítimas?
- Como nos sentimos quando praticamos violência?
- Existe alguma violência que seja pior do que outra?
- Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência, falamos sobre isso? Denunciamos?
- Falamos sobre como nos sentimos? Se não, por quê?
- Alguns pesquisadores dizem que a violência é como um ciclo, ou seja, vítimas de violência estariam mais propensas a cometer atos de violência... Se isto está correto, como podemos interromper este ciclo da violência?

### *Para o fechamento*

Perguntar ao grupo como foi para eles falar sobre a violência que experimentaram. Se ninguém do grupo mostrar necessidade de uma atenção especial por conta de uma violência que sofreu, o facilitador pode considerar que os recursos de ajuda que o jovem teve supriu esta demanda.

## Outros vídeos



### Medo de quê?

Marcelo é um garoto que, como tantos, tem sonhos, desejos e planos. Seus pais, seu amigo João e a comunidade onde vive também têm expectativas em relação a ele. Porém, nem sempre os desejos de Marcelo correspondem às expectativas das pessoas. Mas, quais são mesmo os desejos de Marcelo? Essa dúvida gera medo... tanto em Marcelo quanto nas pessoas que o rodeiam.

**Medo de quê?**

Daquilo que não se sabe. Em geral, as pessoas têm medo exatamente daquilo que não conhecem bem.

Assim, muitas vezes alimentamos preconceitos que se expressam nas mais variadas formas de discriminação. A homofobia é uma dessas expressões.

Este desenho animado (sem falas) é um convite à reflexão sobre estes medos em busca de uma sociedade mais plural, solidária e cidadã.

**Duração: 18 minutos**



### Era uma vez outra Maria

Menina não joga futebol! Brinca de casinha e de boneca. Menina não senta de perna aberta! Aprende a arrumar a cozinha.

Será que as meninas só podem ser assim? Este vídeo apr senta a historia de Maria, uma menina como muitas outras, que começa a questionar as expectativas de como ela deve ou não deve ser. De lembranças da infância a sonhos para o futuro, faz-se uma reflexão sobre como as meninas são criadas e como isso influencia seus desejos, comport mentos e atitudes. “Era uma vez outra Maria” é um vídeo educativo que apresenta experiências comuns a mulheres jovens e aborda assuntos como saúde sexual e reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho. Pode ser usado com mulheres e homens jovens ou com profissionais de saúde e educação que buscam novas formas para discutir a saúde e a autonomia das mulheres jovens.

**Duração: 20 minutos**



Aliança H é uma aliança internacional de organizações que buscam a promoção da equidade de gênero entre os jovens. É coordenada pelo Instituto Promundo e conta com a participação das seguintes organizações: ECOS, Instituto PAPA!, Salud y Género AC, OPAS, John Snow Brasil, IPPF/WHR, PATH, World Education, Population Council, SSL International (Durex) e CORO for Literacy.



**Instituto Promundo (Coordenação)**

[www.promundo.org.br](http://www.promundo.org.br)  
Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
Tel: (21) 2544 3114



*comunicação em sexualidade*

**ECOS - Comunicação em Sexualidade**

[www.ecos.org.br](http://www.ecos.org.br)  
São Paulo/SP - Brasil  
Tel/Fax: (11) 3171 3315



Instituto **PAPAÍ**

**Instituto PAPAÍ**  
[www.papai.org.br](http://www.papai.org.br)  
Recife/PE - Brasil  
Tel/Fax: (81) 3271 4804



SALUDY**GENERO**

**Salud y Género AC**  
[www.saludygenero.org.br](http://www.saludygenero.org.br)

Apoio para reprodução deste guia:

